

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA ESTAÇÃO ACHEULENSE DA QUINTA DO CÓNEGO/POUSIAS

CORTES, LEIRIA

*João Pedro Cunha Ribeiro **

1 — INTRODUÇÃO

A chamada Estação Paleolítica da Quinta do Cónego está situada no lugar das Pousias, na freguesia de Cortes, a sul da cidade de Leiria. O acesso ao local faz-se pela estrada que da sede de freguesia segue para Leiria ao longo da margem direita do rio Lis. Cerca de 500 m a norte da povoação de Cortes surge um caminho rural, que se dirige para uma pequena elevação sobranceira ao vale do Lis, no topo da qual se localiza a jazida (Fig. 1).

A primeira descoberta de artefactos paleolíticos efectuada nesta jazida remonta aos anos quarenta, altura em que se desenvolveram diversas campanhas de prospecção arqueológica na região de Leiria e Monte Real, por iniciativa do Professor Doutor Manuel Heleno.

Apesar de já então se ter aí recolhido uma colecção composta por 80 artefactos líticos talhados, incluindo um apreciável número de bifaces, "hachereaux" e triedros, o referido investigador nunca chegou porém a apresentar qualquer estudo sobre ela, à semelhança do que aliás aconteceu com inúmeros outros achados efectuados na mesma zona. Anos mais tarde, procurando justificar tal atitude, afirmava: "Devemos confessar que neste campo o nosso esforço nos não satisfaz. ...a verdade é que não encontramos destes remotos tempos uma estação cuja estratigrafia pudesse ser a chave duma cronologia" (HELENO 1956).

Esta situação permitiu assim que as primeiras referências à estação arqueológica apenas surgissem sumariamente indicadas em posteriores inventários gerais dos materiais do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, onde a colecção havia sido depositada por Manuel Heleno, enquanto seu Director (MACHADO 1964 e PEREIRA 1977) (1). Ora, o facto dessas alusões se reportarem exclusivamente ao microtopónimo de Pousias, levou a que, quando os Serviços Geológicos de Portugal aí recolheram nos anos sessenta uma nova série de peças talhadas, se designasse a jazida por um outro nome, retirado de uma pequena quinta situada cerca de 250 m para SE do local dos achados (ZBYSZEWSKI e VEIGA FERREIRA 1969) (2).

A publicação por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira de um pequeno estudo desta segunda colecção de 25 peças oriundas da superfície, a que alguns anos mais tarde se veio juntar um novo trabalho sobre uma outra série de 20 artefactos talhados, entretanto reunida por A.J.M. Teixeira, consagrou porém esta última designação toponímica da estação (ZBYSZEWSKI e VEIGA FERREIRA 1969, ZBYSZEWSKI).

Estas descobertas mais recentes, efectuadas na sequência dos trabalhos de campo que antecederam a publicação da folha 23-C da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, permitiram já associar a

* Bolseiro do I.N.I.C.

Assistente de Pré-história e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro do respectivo Instituto de Arqueologia.

(1) O estudo desta colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia foi por nós efectuado no âmbito de um projecto de investigação sobre as ocupações paleolíticas da bacia hidrográfica do rio Lis, cujos resultados globais contamos vir a apresentar futuramente num trabalho de maior amplitude.

(2) A identificação do topónimo foi-nos facultada pelo Sr. Jorge da Piedade Antunes dos Santos, proprietário do terreno onde se realizou a intervenção arqueológica. Cumpre-nos ainda agradecer-lhe todas as facilidades e apoio que nos proporcionou no decurso dos referidos trabalhos.

presença destes vestígios arqueológicos a um depósito de terraço fluvial do rio Lis (TEIXEIRA e ZBYSZEWSKI 1968). Segundo os autores da respectiva notícia explicativa, tratar-se-ia de um terraço tirreniano, similar ao terraço intermédio Q3, individualizado a jusante de Leiria.

No primeiro trabalho citado, as peças descritas foram divididas por três séries diferentes, de acordo com o boleamento e a pátina que apresentavam, sendo atribuída a cada uma delas uma classificação cronológico-cultural distinta. A série I, subdividida em Ia e Ib, incluía no primeiro caso apenas dois bifaces com pátina eólica e arestas com uma certa usura, atribuídos ao “Acheulense antigo e médio”, enquanto a Ib

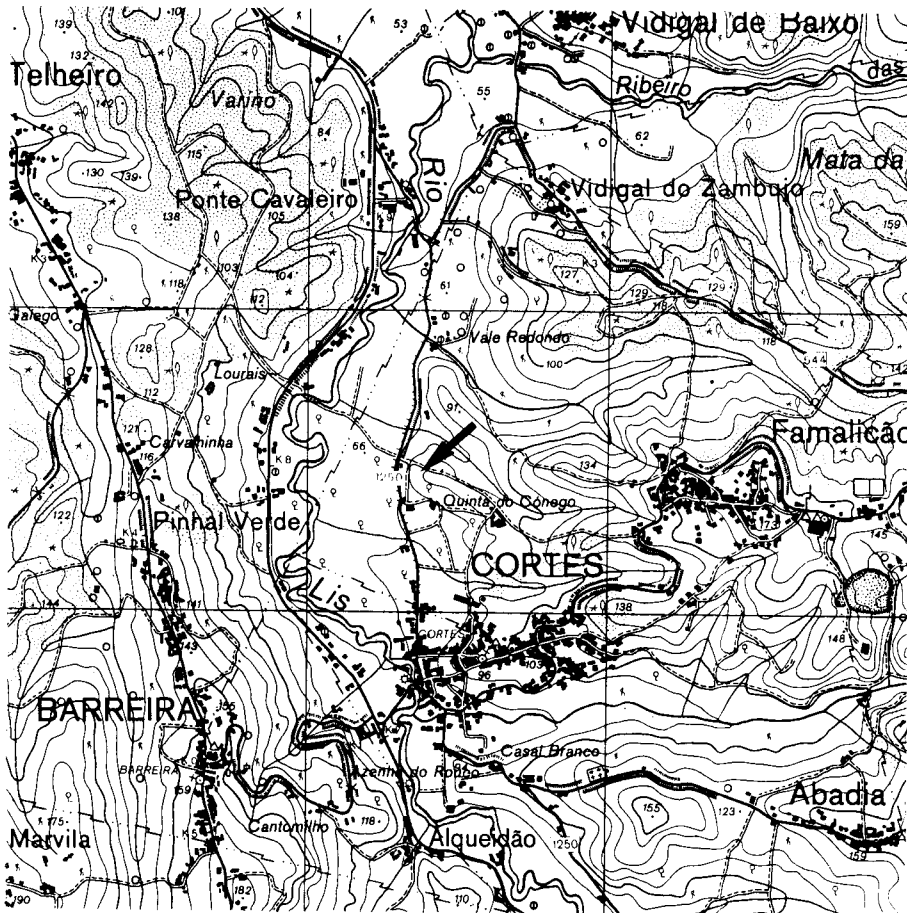


Fig. 1 — Localização do corte junto do qual se realizou a escavação na Estação Paleolítica da Quinta do Cónego/Pousias na folha 297 (Leiria) da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000

integrava três bifaces e um “hachereau”, todos eles “menos usados e menos patinados”, considerados do “Acheulense médio”. Na série II agrupavam-se quatro bifaces, sete unifaces, três “hachereaux”, um seixo truncado e um “seixo raspador”, evidenciando no seu conjunto “arestas sem usura ou muito ligeiramente usadas e apresentando um ligeiro lustro”, associados ao “Acheulense superior”. Uma última peça, com “arestas vivas”, foi classificada como “Languedocense”.

O segundo estudo publicado, utilizando os mesmos pressupostos metodológicos, permitiu agrupar os artefactos recolhidos em três séries distintas. A série I, atribuída ao “Acheulense antigo”, incluía dois bifaces, um uniface e um seixo truncado rolados e eolizados. Na série II surgiam três bifaces, um uniface e um raspador com uma “eolização pouco pronunciada”, classificados como “Acheulense médio”. A série III, considerada do “Acheulense superior”, agrupava três “hachereaux”, dois unifaces e três seixos talhados com “isenção de rolamento e eolização”. Um último biface, com dupla pátina, foi associado ao “Acheulense médio e superior”.

2 — TRABALHOS RECENTES

Quando em 1984 iniciámos um trabalho de investigação sobre as primeiras ocupações humanas conhecidas na área da bacia hidrográfica do rio Lis, desde logo esta estação arqueológica nos surgiu como uma das mais significativas para o nosso estudo. As prospecções intensivas que aí realizámos vieram aliás confirmar plenamente as nossas impressões iniciais. Não só conseguimos recolher uma colecção de várias centenas de peças talhadas provenientes da superfície, como aumentamos significativamente a validade da amostragem disponível, dado que tanto integrava objectos de elevadas dimensões ou cuidadosamente afeiçãoados, como até então sucedera, como também um elevado número de peças menos elaboradas ou mais pequenas, com particular destaque para as lascas, igualmente resultantes da actividade aí desenvolvida pelo homem paleolítico (CUNHA-RIBEIRO 1987).

Paralelamente, em termos geológicos, foi-nos possível precisar melhor o contexto crono-estratigráfico de boa parte dos materiais detectados. Com efeito, embora não tivéssemos oportunidade de observar inicialmente qualquer corte elucidativo do terraço assinalado, verificámos que parte dos seus constituintes se encontravam espalhados pelas vertentes adjacentes, onde aflora o substrato, constituído por argilas jurássicas atribuídas ao Portlandiano. Como no reduzido número de cortes pouco espessos que pudemos analisar no topo da elevação, tais materiais se dispunham sem nenhuma organização visível, apenas nos foi permitido constatar a existência de um depósito coluvinar de natureza grosseira, aparentemente sem vestígios de qualquer solo.

Apesar de não se ter observado qualquer testemunho directo da preservação de um terraço fluvial local, a presença de um tal depósito não era susceptível de ser totalmente eliminada. A natureza dos constituintes da formação coluvionar aí identificada podia provavelmente resultar do seu desmantelamento, muito embora a sua génese fosse igualmente imputável às formações detríticas do Cretácico, situadas a uma cota superior mais para leste. Porém, a observação de um depósito fluvial num pequeno corte, localizada numa elevação similar a norte da jazida, e dela separada por um pequeno vale, constituía o argumento mais plausível para sustentar essa hipótese.

No estudo que então efectuámos dos materiais líticos recolhidos, como estes apresentavam diferentes níveis de desgaste físico, procurámos distribuí-los por três grupos distintos, de acordo com a respectiva alteração. Num primeiro grupo integraram-se as peças que não evidenciavam qualquer boleamento, apresentando as respectivas arestas mais ou menos vivas (D3). O segundo agrupou as peças com um boleamento bem visível, embora pouco acentuado, sendo ainda possível delinear as respectivas arestas de talhe (D2). O último grupo era constituído pelos materiais muito alterados pelo boleamento, o que tornava por vezes mesmo impossível determinar com precisão o posicionamento das arestas de talhe (D1).

Não partimos porém do princípio de atribuir *a priori* um significado cronológico e cultural específico para cada um destes grupos. As suas condições de jazida desaconselhavam um tal procedimento e o contexto geológico a que era possível associá-los também o não permitia. Quer a génese do próprio terraço fluvial, quer os mecanismos de formação do depósito coluvionar poderiam engendrar fenómenos susceptíveis de originar um maior ou menor desgaste dos artefactos. Apenas o grupo D1, que integrava os materiais mais boleados, seria aparentemente associável a uma dinâmica sedimentar de tipo fluvial, mas os restantes grupos poderiam ser seus contemporâneos ou não.

O estudo técnico e tipológico de cada um dos grupos considerados constituía assim o único critério fiável para determinar a homogeneidade cronológica e cultural dos achados. A sua aplicação veio aliás a revelar-se significativa, pois permitiu constatar uma clara similitude entre os grupos D2 e D3. Já para o grupo D1, a reduzida amostragem recolhida (24 peças num total de 565 objectos talhados), impediu-nos de tentar estabelecer qualquer resultado conclusivo.

Contudo, a semelhança técnica e tipológica de D2 e D3 com outra colecção de artefactos proveniente da Estação Paleolítica do Casal de Santa Maria I, onde foram encontrados em associação com depósitos coluvionares cuja pedogénese os colocava numa fase relativamente recente da geomorfologia quaternária da região, tornava credível a sua relação com o depósito coluvionar identificado na Quinta do Cónego.

Paralelamente, sugeríamos a hipótese de os materiais do grupo D1 estarem associados ao terraço fluvial e, conseqüentemente, representarem uma ocupação mais antiga.

3 — ESCAVAÇÃO

Numa visita realizada em 1988 a esta estação arqueológica, pudemos observar que, na sequência da construção de um pequeno edifício, junto do caminho rural que se dirige para a Quinta do Cónego, havia-se procedido a importantes trabalhos de remoção de terras. A este do referido edifício, o desaterro aí realizado abriu mesmo um extenso corte onde era possível observar a estratigrafia completa da jazida. A sua base atingia amplamente o substrato argiloso atribuído ao Portlandiano, sobre o qual surgia a base de um terraço fluvial com uma espessura média de cerca de 1 m, a que se sobrepunha um depósito coluvionar com a espessura máxima de 60 cm.

Uma rápida prospecção do local logo permitiu recolher de novo várias dezenas de peças, entre as quais surgia curiosamente um elevado número de objectos que, de acordo com o seu estado físico, se integravam no grupo D1. A sua inequívoca associação ao terraço fluvial ficou aliás desde logo demonstrada com a descoberta de alguns objectos talhados, particularmente boleados, detectados *in situ* na cascalheira de origem fluvial que o corte havia seccionado.

A realização de uma pequena escavação na área do corte tornou-se uma das tarefas prioritárias, programada no quadro do nosso projecto de investigação para a região. Tanto mais que um tal trabalho não só nos permitiria precisar algumas das observações inicialmente efectuadas, como também verificar a distribuição dos materiais no interior do depósito, determinando ou não a sua possível associação com a respectiva dinâmica sedimentar.

A escavação aí efectuada em Outubro de 1989 foi precedida por uma cuidadosa limpeza da área do corte, que havia sido entretanto parcialmente entulhada por alguns detritos e pequenos derrubes (*). Em seguida fizemos um levantamento topográfico de toda a área a interencionar, realizando ao mesmo tempo um desenho pormenorizado do corte (Fig. 2).

O levantamento e desenho do corte permitiu estabelecer a seguinte leitura estratigráfica (*):

- 1 — Corresponde ao substrato argiloso atribuído ao Portlandiano. Apresenta-se localmente bastante ravinado, formando na zona de contacto com o terraço fluvial um amplo canal, com pequenas variações de encaixe menos pronunciadas, por onde terá corrido o leito do rio. É constituído essencialmente por argilas cinzentas e avermelhadas, muito micáceas.
- 2 — O terraço fluvial estende-se por toda a área do corte, embora a sua estratificação se apresente apenas completa no sector Norte, em A3, A4, A5 e A6, onde foi mesmo possível identificar duas fases distintas de sedimentação. O topo da formação fluvial aí representado evidencia uma constituição areno-argilosa de textura muito fina. A sua espessura é algo inconstante, já que aparentemente terá sido ravinada na zona superior pelo colúvio que se lhe sobre põe. A coloração avermelhada, entremeada por extensas manchas cinzentas e cinzentas claras, resulta do facto de suportar um antigo solo profundamente alterado pela hidromorfia. Na base da formação surge um depósito claramente mais grosseiro, embora com curiosas variações laterais de fácies. Enquanto na zona norte e central do corte aparece essencialmente um nível de cascalheira grosseira sem uma organização muito clara, para sul pode-se observar tendencialmente o entremear da cascalheira por uma disposição estratigráfica oblíqua, definida por materiais mais finos. Os seixos rolados que integram este depósito são maioritariamente em quartzite e quartzo, apresentando diferentes graus de alteração. Na base da cascalheira surgem mesmo alguns seixos fantasmas de grandes dimensões (assinalados com traços oblíquos no desenho do corte). A matriz é predominantemente areno-argilosa, com areias de quartzo e de quartzite sub-angulosas, embora sejam frequentes as areias arredondadas. As primeiras provêm certamente da destruição de formações cretácicas, enquanto as segundas terão tido a sua origem

(*) Os trabalhos de escavação foram autorizados e financiados pelo Instituto Português do Património Cultural, tendo-se ainda contado com o apoio da Junta de Freguesia de Coretes. As precárias condições meteorológicas que então se fizeram sentir só não inviabilizaram a sua realização graças ao empenho da equipa de trabalho, constituída pelos Drs. Paulo Costa Pinto, Paulo Gomes, Maria Teresa Alcobia e Sérgio E. Monteiro Rodrigues.

(*) A descrição estratigráfica do corte foi elaborada em colaboração com Jean-Pierre Texier, do Instituto do Quaternário da Universidade de Bordéus I.

POUSIAS / QUINTA DO CÓNEGO
(Cortes, Leiria)
OUTUBRO 1988 • CORTE I

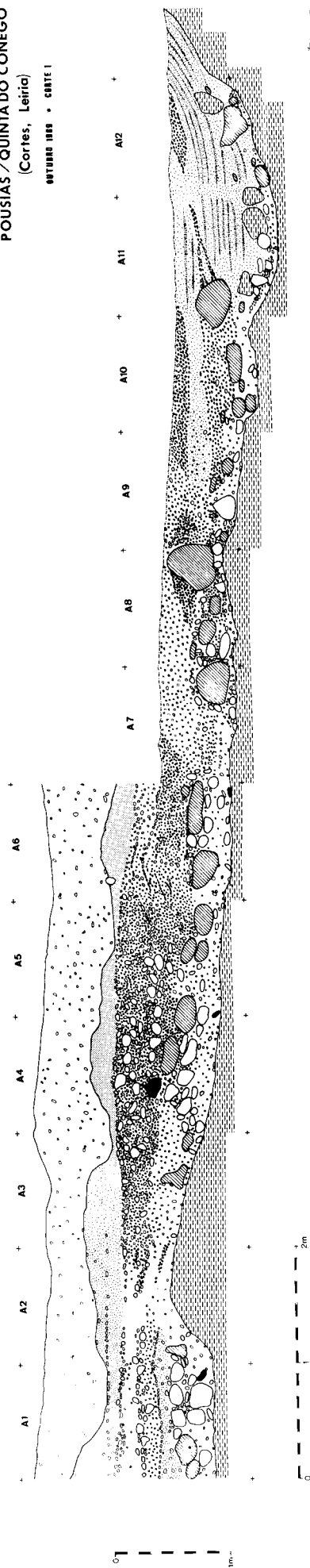


Fig. 2

POUSIAS / QUINTA DO CÓNEGO
(Cortes, Leiria)
OUTUBRO 1988 • CORTE II

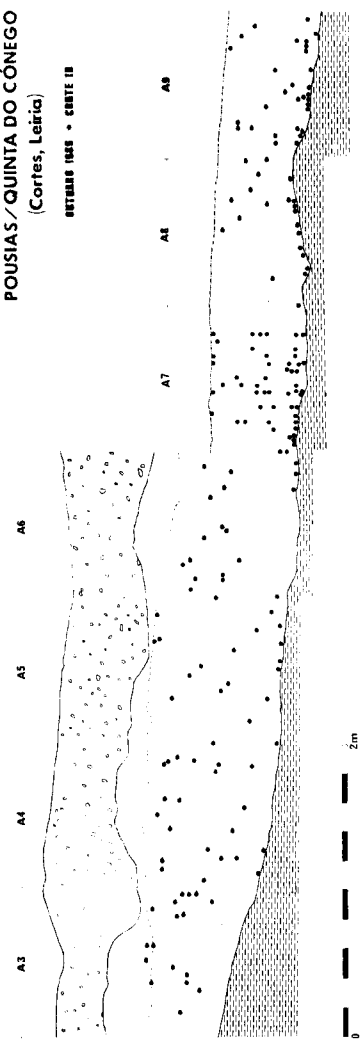


Fig. 3

em depósitos pliocénicos. De referir ainda que nesta zona do depósito a base do terraço suporta um solo vermelho fersialítico muito desenvolvido (horizonte B3), alterado posteriormente pela hidromorfia, o que lhe confere uma coloração nem sempre concentrada de tons cinzentos.

- 3 — Este nível superficial corresponde a um coluvião de origem recente, com uma coloração castanho-amarelada e uma matriz argilosa, integrando inúmeros pequenos seixos rolados de quartzite, sub-angulosos e sem qualquer organização. A sua espessura é bastante inconstante ao longo da zona em que nos foi possível observar o seu desenvolvimento (A3, A4, A5 e A6), variando entre os 30 e os 60 cm.

O trabalho de escavação, desde logo facilitado pela orientação estratigráfica que o próprio corte permitia, desenvolveu-se ao longo de uma área com 7 m de comprimento por 1 m de lado, implantada paralelamente à zona central do corte, onde havíamos recolhido um maior número de artefactos *in situ*. Embora no topo do corte este apenas fosse parcialmente seccionado pela escavação, na sua base a área de intervenção atingiu 1 m de largura.

A escavação da parte superior do corte, circunscrita a A3, A4, A5 e A6, não se revelou muito conclusiva para o estudo do nível coluvionar sobreposto ao terraço. Além de ter permitido a recolha de um número muito reduzido de peças talhadas, a área escavada terá atingido o coluvião numa zona aparentemente marginal do seu desenvolvimento, onde o pendor local da vertente e os trabalhos agrícolas decorrentes da vinha aí existente, muito terão contribuído para a sua profunda degradação. Daí termos considerado este nível superior como pertencente a um coluvião recente que, em grande parte, se terá alimentado de materiais provenientes de um depósito similar mais antigo, contemporâneo dos artefactos dos grupos D2 e D3.

O topo da formação fluvial, constituído por materiais areno-argilosos extremamente concrecionados devido ao solo antigo que suporta, foi também apenas atingido em A3, A4, A5 e A6. A sua escavação revelou-se muito lenta e difícil, não tendo proporcionado a recolha de um elevado número de peças.

A grande maioria do material arqueológico foi assim detectado na parte inferior da formação fluvial, com particular incidência para as zonas de textura mais grosseira. A escavação dessa zona do corte prolongou-se aliás para o sector sul da área intervencionada, abarcando as quadrículas A7, A8 e A9, já que se tratava de uma área onde os níveis superiores do corte tinham sido removidos no decurso dos trabalhos que conduziram à construção do edifício vizinho.

4 — A INDÚSTRIA LÍTICA

O estudo dos materiais recolhidos permitiu constatar de imediato o pronunciado boleamento da maioria esmagadora dos objectos líticos. Das 182 peças recolhidas 148 (81,3%) incluíam-se claramente no grupo 1 de desgaste, dado que apresentavam um boleamento tão pronunciado que tornava impossível definir claramente o posicionamento das arestas de talhe. As restantes 34 peças (18,7%), embora evidenciassem igualmente um acentuado boleamento, tinham preservado melhor a angulosidade das respectivas arestas, não se podendo contudo associá-las na totalidade ao grupo D2, inicialmente definido.

Por outro lado, constatou-se a utilização sistemática do quartzite como matéria-prima (95,6%), o que em boa parte teria sido certamente determinado pela sua própria abundância no local outrora frequentado pelo homem paleolítico. Curiosamente, apenas uma das peças correspondia a um tipo de artefacto mais elaborado e tecnicamente significativo. Dos seis objectos de sílex detectados (3,3%), cinco correspondiam a detritos e um outro a um fragmento de lasca, enquanto as duas únicas peças em quartzito (1,1%) integravam uma lasca de reduzidas dimensões e um biface espesso.

Em termos técnicos e tipológicos, os materiais distribuem-se de forma sumária pelos seguintes grupos:

Lascas não transformadas —	83 (45,6%)
Núcleos —	20 (11,9%)
Utensílos sobre lasca —	8 (4,4%)
Bifaces —	16 (8,8%)
“Hachereaux —	11 (6,1%)
Diversos —	3 (1,7%)
Outros (fragmentos e detritos —	41 (22,5%)

4.1. — LASCAS

No estudo técnico das lascas integraram-se 27 artefactos sobre lasca (8 bifaces, 11 “hachereaux”, 5 raspadores e 3 entalhes), 1 pequeno núcleo sobre lasca e 10 fragmentos de lasca, o que totalizava um conjunto de 111 peças, representando 61% dos objectos recolhidos no decurso da escavação.

As lascas não trabalhadas agrupavam 64 peças (57,7% do total de objectos considerados), a que se somavam 9 lascas sumariamente retocadas. Sete lascas foram ainda consideradas, em função das suas dimensões e morfologia, como lascas de talhe, enquanto outras duas foram classificadas como lascas kombewa, uma das quais transformada em “hachereaux” tipo VI.

Os fragmentos de lasca abarcavam um conjunto de peças que pela sua morfologia e características técnicas pertenciam inequivocamente às lascas, muito embora a fracturação acidental ou intencional impedisse definir a sua correcta orientação e determinar a extensão e posicionamento do córtex na respectiva face superior. De referir que 2 dos artefactos sobre lasca mencionados (entalhes) e o próprio núcleo sobre lasca foram elaborados a partir de fragmentos de lasca.

A utilização do quartzite como matéria-prima é significativamente maioritária (98,2%), registando-se apenas a presença de uma pequena lasca de quartzo e de um fragmento de lasca em sílex. Por seu lado, o boleamento afectou profundamente 76,6% das peças.

Para a classificação das lascas recorremos ao método utilizado por A. Tavoso no estudo das indústrias líticas de quartzo e quartzite da bacia do Garona (TAVOSO 1978). Baseado essencialmente na ausência ou presença de córtex na face superior das lascas e na aferição, neste último caso, da extensão e posicionamento da zona cortical, estes sistema agrupa as lascas em 18 categorias, nove das quais referentes às lascas com talão cortical e as restantes às lascas com talão liso, facetado ou diedro, eliminando consequentemente da classificação as lascas com talão suprimido ou fracturado.

Como a generalidade das lascas com talão suprimido ou fracturado evidenciam contudo características morfológicas susceptíveis de permitirem a sua correcta orientação, sendo, consequentemente, possível determinar a extensão e o posicionamento do córtex conservado na face superior, decidimos alargar a grelha classificativa deste método para 27 categorias. As novas 9 categorias apresentam atributos em tudo similares às restantes, mas reportam-se exclusivamente a lascas com talão não determinável, por ter sido suprimido intencionalmente ou fracturado por acidente, o que permite aumentar a validade da amostragem em estudo.

Foi assim possível proceder à classificação de 98 lascas, agrupadas em 22 categorias diferentes:

1A = 8 (8,2%)	10A = 12 (12,2%)	19A = 17 (17,3%)
2A = 2 (2,1%)	11A = 1 (1%)	20A = 1 (1%)
3A = 1 (1%)	12A = 4 (4,1%)	21A = 1 (1%)
4A = 6 (6,1%)		22A = 4 (4,1%)
5A = 4 (4,1%)		23A = 2 (2,1%)
	15A = 5 (5,1%)	24A = 1 (1%)
7A = 1 (1%)	16A = 6 (6,1%)	
	17A = 2 (2,1%)	26A = 1 (1%)
9A = 4 (4,1%)	18 = 11 (11,2%)	27A = 4 (4,1%)

Os respectivos talões encontram-se assim distribuídos:

Corticais = 26 (26,5%)
Lisos = 34 (34,7%)
Diedros = 2 (2%)
Facetados = 5 (5,1%)
Fracturados = (4,1%)
Suprimidos = 27 (27,6%)

4.2. — NÚCLEOS

Os núcleos encontram-se representados por 11,9% dos materiais recolhidos, a que correspondem 20 peças em quartzite bastante boleadas. Dois dos núcleos encontravam-se visivelmente fracturados, o que inviabilizava a sua correcta classificação.

A maioria dos suportes é composta por seixos rolados (13), cinco dos quais sub-angulosos e outros cinco claramente angulosos. Em dois outros núcleos foi possível observar o aproveitamento de uma calote de seixo e de um fragmento de lasca, enquanto nas restantes peças não pudemos identificar a natureza do suporte.

No estudo dos núcleos utilizámos a sistematização proposta por M. Santonja para os materiais análogos das indústrias paleolíticas da meseta ibérica (SANTONJA 1985). Trata-se de um método que valoriza premeditadamente os aspectos técnicos do talhe subjacentes à exploração do núcleo, com particular destaque para a ordem e disposição seguida na obtenção das lascas extraídas. A existência de preparação dos planos de percussão é considerada um atributo complementar de classificação, enquanto a morfologia é, por outro lado, claramente secundarizada, tendo em conta os condicionalismos resultantes da utilização preferencial de seixos rolados como suporte.

Assim, três dos núcleos, evidenciando um número de levantamentos não superior a três, com um máximo de dois levantamentos adjacentes e sem qualquer preparação prévia dos respectivos planos de percussão, foram integrados no grupo I. Outros quatro, apresentando também um talhe pouco intensivo, concentrando num único plano levantamentos sucessivos, adjacentes ou não, e sem preparação, associaram-se ao grupo II. No grupo IV classificaram-se 5 núcleos, todos intensamente explorados e com os levantamentos dispostos em planos múltiplos que se recortam entre si, evidenciando frequentemente muitos deles o aproveitamento de levantamentos anteriores como planos de percussão. De notar que quatro das peças deste grupo apresentavam uma morfologia tendencialmente poliédrica.

Seis núcleos também intensamente explorados e com a quase totalidade da face superior coberta por levantamentos de disposição centrípeta foram colocados no grupo VI, que abarca os núcleos discóides e discóides clássicos. Entre eles 5 integravam-se no sub-grupo VIb, dado que possuíam preparação prévia dos respectivos planos de percussão, e o restante, sem qualquer preparação, foi associado ao sub-grupo VIc.

Um último núcleo, com levantamentos dispostos centrípetamente em ambas as faces, foi considerado do grupo VII.

De referir ainda que dos 18 núcleos classificados, 8 podem ser considerados pouco explorados, já que apresentam um reduzido número de extracções, enquanto os restantes haviam sido explorados de forma relativamente intensa.

4.3. — UTENSÍLIOS SOBRE LASCA

Os utensílios sobre lasca estão representados por oito peças, cinco das quais correspondem a raspadores e as restantes a entalhes.

Dois dos entalhes foram realizados em fragmentos de lasca muito boleados, enquanto o terceiro, manufacturado a partir de uma lasca de tipo 4A, evidencia um menor desgaste. Este último é um entalhe lateral de tipo clactonense, cuidadosamente retocado *a posteriori*. Os dois restantes são de tipo clactonense simples, apesar de um deles evidenciar ligeiros retoques.

Os raspadores apresentam-se boleados na sua totalidade, tendo quatro deles sido confeccionados a partir de lascas de descorticação. Dois correspondem a raspadores laterais convexos, outros dois são raspadores transversais convexos e um último, elaborado a partir de uma lasca simples (16A), apresenta um gume convexo no bordo direito e um outro rectilíneo no bordo esquerdo, sem que entre eles se verifique uma convergência.

4.4. — BIFACES

O grupo dos bifaces encontra-se representado por 16 artefactos, todos eles obtidos por percutor duro e bastante boleados. No que se refere à matéria-prima utilizada, apenas uma das peças é em quartzo, sendo

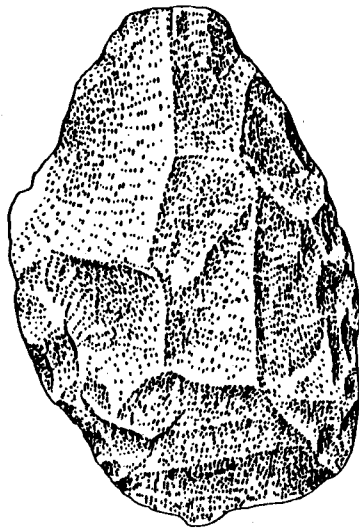


Fig. 4

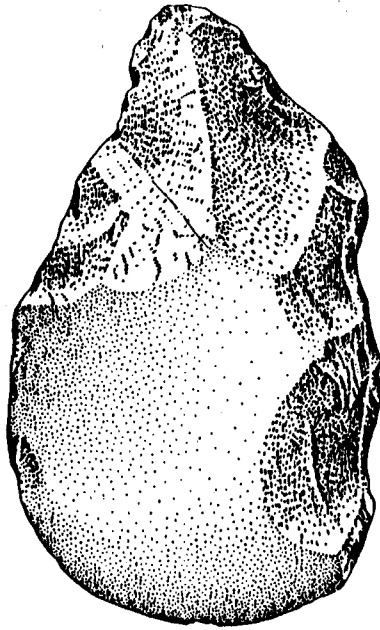
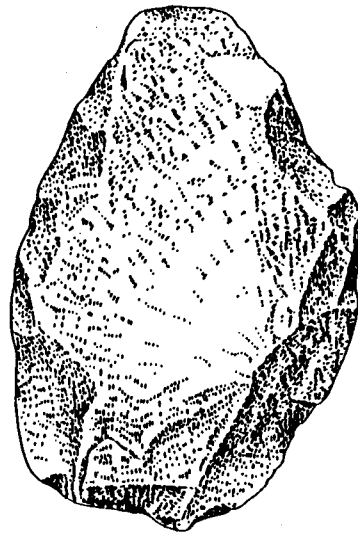


Fig. 5



Fig. 6



todas as outras de quartzite. Por outro lado, embora não se tenha conseguido identificar a natureza do suporte em 5 dos utensílios estudados, constatou-se nos restantes o predomínio das lascas (8), já que só três deles haviam sido elaborados a partir de seixos rolados.

Para o estudo técnico e tipológico destes artefactos recorreremos basicamente aos princípios metodológicos definidos por François Bordes (BORDES 1961). A sua aplicação teve porém em linha de conta as especificidades próprias de uma indústria lítica confeccionada quase exclusivamente a partir de seixos rolados de quartzite (CUNHA-RIBEIRO 1987).

Deste modo, sete dos artefactos foram associados aos bifaces espessos, sete aos parciais e os dois restantes incluídos na categoria dos diversos. Entre os bifaces parciais detectaram-se duas peças com um índice de achatamento que permitia considerá-las como bifaces planos ($l/e > 2,35$).

4.4.1. — *Bifaces espessos*

Os dois bifaces *ovulares típicos* deste grupo encontram-se particularmente alterados pelo boleamento. Um deles, elaborado a partir de uma lasca, apresenta uma silhueta relativamente equilibrada, com arestas dos bordos de perfil rectilíneo e uma extremidade distal parcialmente fracturada, mas com uma morfologia apontada (Fig. 4). O outro, com uma silhueta oval dissimétrica, possuiu uma extremidade distal arredondada. O seu estado físico não permite porém identificar o suporte usado, nem tão pouco uma leitura muito clara dos levantamentos que lhe definem as suas duas faces, facto este que é ainda agravado pelas profundas clivagens que afectaram o talhe da face superior.

O único biface *espesso ovalar com talão* encontrado apresenta-se igualmente bastante boleado, situação que afecta também a extremidade distal, fracturada e muito macerada, e contribuiu para a não identificação do respectivo suporte. A sua base espessa é definida por uma placa cortical mais ou menos perpendicular às suas duas faces.

Um outro artefacto, cuja ponta estava também partida e a respectiva superfície de fractura evidenciava um boleamento pronunciado, similar ao que afectava a totalidade do artefacto, foi considerado como *proto-limande*, de acordo com os cálculos decorrentes da aferição das respectivas dimensões. Também aqui nos foi impossível determinar o tipo de suporte.

Os restantes três bifaces espessos foram classificados como *amigdalóides com talão*, dois dos quais elaborados a partir de seixos rolados e um terceiro com um suporte não identificável. O primeiro, com uma secção plano-convexa, apresenta uma silhueta algo dissimétrica, arestas de perfil rectilíneo e uma extremidade distal apontada definida por um cuidadoso retoque bifacial (Fig. 5). Um outro, de grandes dimensões e igualmente apontado, surge com uma silhueta equilibrada, definida por um talhe bifacial amplo, aqui e além regularizado por levantamentos de menor dimensão, que determinam arestas de perfil rectilíneo algo sinuoso (Fig. 6). Por último, surge um biface em quartzito, muito alterado pelo boleamento e com a ponta fracturada. O talhe, profundamente condicionado por clivagens naturais, não impediu contudo a confecção de uma peça morfológicamente equilibrada e arestas rectilíneas.

4.4.2. — *Bifaces parciais*

Como já vimos, integram-se neste grupo dois bifaces planos. Um deles corresponde a um biface *parcial ovalar com talão*, tendo sido elaborado a partir de uma lasca de quartzite. Com uma silhueta algo dissimétrica e uma extremidade distal arredondada, apresenta uma base espessa devido à preservação local da morfologia parcialmente cortical do suporte. O outro corresponde a uma *limande parcial com talão*, igualmente definida a partir de uma lasca de descorticação por um talhe condicionado por clivagens, talhe esse praticamente limitado na face inferior ao afeiçoamento da extremidade distal, claramente arredondada.

O primeiro biface parcial espesso identificado é *sub-triangular* e utilizou como suporte uma lasca de descorticação. Na face superior o talhe apresenta uma clara distribuição marginal, muito embora se estenda por toda a periferia, revelando frequentemente uma incidência semi-abrupta. Na face inferior o talhe limita-se à zona proximal do bordo direito, revelando uma clara intenção de aproveitamento da morfologia do suporte. No conjunto, revela uma silhueta apontada de forma equilibrada e arestas de perfil rectilíneo.

O único biface *parcial e espesso ovalar com talão*, evidencia um índice de achatamento próximo dos bifaces planos (2,25). Na sua silhueta dissimétrica destaca-se uma extremidade distal apontada definida por retoque bifacial. Não se conseguiu porém determinar o tipo de suporte usado, em parte devido ao profundo boleamento que afectou o artefacto.

BIFACES

Nº	MP	EF	P	S	C	l	m	a	e	Fsbd	Fsbe	Fibd	Fibe	dFLe	Classificação
A4-21	Q	1	D	?	110	80	75	42	50	T1Mo	T1lp	T1Mo	T1lo	x-xs	B. e. ovalar c. talão
A4-25	Q	1	D	?	130*	72	70	68	38	DM1lo	T1lp	T1Ma	DM1lo	xs-x	Proto-limande
A6-18	Q	1	D	L	142*	97	85	39	43	T1lo	T1Mo			r-x	Uniface
A6-22	Q	1	D	L	150	89	87	57	41	T1lo	T1lo	M1Mo	DP1Mo	r-rs	B. e. ovalar típico
A7-11	Q	1	D	L	154	99	99	73	38	M1Ma	M1lo	D1lp		rs-xs	B. p. pl. ovalar c. talão
A7-39	Q	1	D	L	118	83	72	41	41	D1lo		T1lo	P1lp	x-x	Esboço de Biface
A7-45	Q	1	D	L	172	98	98	85	40	D1Ma	D1lp		D1lp	xs-xs	Limande p. pl. lana
A7-49	Q	1	D	?	166	97	93	58	60	T1lp	T1lp	T1la	D1lo	xs-x	B. amigd. c. talão
A7-56	Q	1	D	?	132	90	88	75	58	T1lp	T1lp	T1lo	D1lo	xs-xs	B. e. ovalar típico
A8-17	Q	1	D	S	155*	90	81	56	50	DM1Ma	DM1Mo	DM1lo		x-x	B. amigd. c. talão
A8-20	Q	1	D	L	173	112	106	58	48	DM1lp		DM2lp	T1Mp	x-r	B. p. amigd. típico
A8-23	Q	1	D	?	113	79	77	45	35	T1lp	T1Mo	DM1lo	D1Mo	xs-x	B. p. ovalar c. talão
A8-28	Q	1	D	S	187	100	94	48	53	T1lp	T1lp	T1Ma	D1lo	rs-rs	B. amigd. c. talão
A9-22	Q	1	D	L	141	84	79	28	45	T1Ma	T1Ma	P1lo		r-rs	B. p. e. sub-triangular
A9-25	Q	1	D	Sa	92	71	58	25	51	T1lo	T1lo	DM1la	T1lo	x-r	B. Nucleiforme
A9-40	Q	1	D	L	163	104	100	55	46	Dm1Mp		DM1Mo	T1Mo	r-x	B. p. amigd. típico

Abreviaturas usadas:

Nº: número de inventário; MP: matéria prima (Q-quartzite); EF: estado físico (1-muito desgastado); P: percursor (D-duro); S: suporte (L-lasca; S-seixo rolado; Sa-seixo rolado anguloso; ?-indeterminado); C: comprimento; l: largura máxima; m: largura a metade do comprimento; a: distância da largura máxima à base; e: espessura; Fsbd: face superior bordo direito (posicionamento: T-total; D-distal; M-mesial; P-proximal;/disposição: 1-contínuo; 2-discontínuo; 3-único;/amplitude: m-marginal; i-invasor;/inclinação: a-abrupto; o-oblíquo; p-plano;); Fsbe: face superior bordo esquerdo (siglas idênticas às da coluna anterior). Fibd: face inferior bordo direito (siglas idênticas às das colunas anteriores); Fibe: face inferior bordo esquerdo (siglas idênticas às das colunas anteriores); dFLe: forma dos lados/direito-esquerdo (r-recto; x-convexo; c-côncavo; s-sinuoso); classificação: B. e.-biface espesso; B. p. pl.-biface parcial plano; B. p. e.-biface parcial espesso.

Os dois bifaces *parciais amigdalóides típicos* apresentam também um índice de achatamento que os aproxima do grupo dos planos, tendo sido ambos obtidos a partir de lascas de descorticação. Num dos casos trata-se de uma peça bastante alterada, com uma silhueta equilibrada e a extremidade distal arredondada por retoque bifacial, sendo a base cortante definida pela intersecção do córtex da face superior com os levantamentos unificiais que cobrem a face inferior. O segundo artefacto considerado é definido por um talhe parcial e periférico em ambas as faces, definindo uma silhueta algo assimétrica, particularmente acentuada pelo desvio da ponta distal. A base cortante é aqui definida pela morfologia original do suporte.

No grupo dos bifaces parciais integramos ainda um artefacto unifacial, cujas dimensões e morfologia permitem associar aos bifaces parciais amigdalóides curtos com talão. Trata-se de um utensílio confeccionado a partir de uma lasca de descorticação com talão diedro, por intermédio de um talhe marginal unifacial que abrange todo o perímetro do objecto. Este trabalho confere-lhe uma silhueta relativamente equilibrada e apontada, onde é claro o aproveitamento da morfologia do suporte, embora se veja claramente a necessidade que houve de adelgaçar e regularizar a sua periferia.

4.4.3. — *Diversos*

Incluimos neste grupo um pequeno biface espesso, apontado, elaborado a partir de um seixo rolado muito anguloso e definido por um talhe marcado por profundas clivagens da matéria-prima. O seu aspecto geral levou-nos a considerá-lo como um *biface nucleiforme*. Um outro artefacto, confeccionado sobre um seixo rolado anguloso, evidencia um talhe quase exclusivamente limitado a determinar uma extremidade distal apontada. Por este facto foi classificado como um *esboço de biface*, apesar de no seu todo permitir a definição de uma peça equilibrada, onde é patente o judicioso aproveitamento da morfologia do suporte.

4.5. — "HACHEREAUX"

Os "hachereaux" constituem o segundo grupo de artefactos mais importantes. Representados por 11 utensílios, num total de 182 peças recolhidas (6,1%), foram no seu conjunto definidos quase sempre de forma sumária por percutor duro, a partir de lascas de quartzite. O estudo destes suportes revela uma nítida predominância das lascas de descorticação (5), seguidas pelas lascas de semi-descorticação (3). A existência de um significativo número de talões lisos (5), a que se junta um talão facetado e apenas um outro cortical, já que os restantes foram suprimidos ou fracturados, deixa antever um certo cuidado posto na obtenção destes suportes.

O recurso sistemático ao percutor duro, juntamente com o pronunciado boleamento que afecta a totalidade dos utensílios, embora accentue frequentemente o seu aspecto fruste, nem por isso impediu a presença de alguns artefactos com uma morfologia mais equilibrada, mas de concepção simples. Esta situação é aliás corroborada pela classificação tipológica dos "hachereaux", onde se nota a sua clara associação aos tipos tecnicamente mais simples. De acordo com a classificação inicialmente estabelecida por J. Tixier (TIXIER 1956) e posteriormente completada com a colaboração de outros autores (BALOUT, BIBERSON e TIXIER 1967), sete dos utensílios podem ser considerados como "proto-hachereaux", ou "hachereaux" de tipo "O" (Fig. 7), enquanto apenas três correspondem a "hachereaux" de tipo I e um outro ao tipo VI (Fig. 8), elaborado a partir de uma lasca kombewa. No seu conjunto trata-se de tipos em que o retoque de transformação do suporte se restringe à regularização mais ou menos extensa dos bordos do artefacto, sem que a volumetria da lasca inicial seja significativamente alterada.

De registar por último a existência de um maior número de peças com uma silhueta em U (9) do que em V (2), bem como uma representatividade mais significativa das secções tabulares (5), seguida pelas plano-convexas (3). Só em dois casos se observaram secções biconvexas assimétricas e num único uma secção biconvexa simétrica. A diversidade de direcções de percussão não permite retirar qualquer ilação.

«HACHEREAUX»

Nº	MP	EF	P	S	ts	C	l	e	cg	sil	sec	DP	FG	PG	RUG	dFle	Rbd	Rbe	Tipo
A4-19	Q	1	D	19A	S	120	94	35	100	V	ba	?	xs	oo	dD	xs-r	T1Moi	T2Mob	O
A5-01	Q	1	D	9A*	L	116	86	33	66	V	bs	NE	xs	p	aC	xs-xs	DM1Moi	DP2Mpi	VI
A5-10	Q	1	D	22A	S	137	90	56	55	U	px	?	rs	o	aD	x-x	DM1Mod	T1 Mob	I
A5-21	Q	1	D	10A	Fa	108	80	36	56	U	t	N	r	o	aC	xs-x	T2loa	T1lod	O
A7-23	Q	1	D	19A	S	134	95	39	89	U	px	?	rs	p	iC	xs-r		T1Mod	O
A7-24	Q	1	D	10A	L	121	85	41	67	U	t	NW	x	o	aD	x-xs	D3mod	T1Mad	O
A7-43	Q	1	D	21A	F	119	84	32	61	U	t	W	x	p	aC	x-r	T1Mod	T1Mad	O
A7-58	Q	1	D	3A	C	123	94	31	85	U	px	E	r	o	iC	xs-r	T1Mod		I
A8-26	Q	1	D	10A	L	125	79	47	50	U	ba	N	rs	o	dD	xs-x	T1Mpi	T1Mpi	O
A8-22	Q	1	D	15A	L	105	79	27	76	U	t	W	xs	p	dC	r-xs	talão	M1Mod	I
A7-38	Q	1	D	10A	L	168	107	49	97	U	t	N	rs	o	dC	r-xs	T1Mob	T1lpb	O

Abreviaturas usadas:

Nº: número de inventário; MP: matéria prima (Q-quartzite); EF: estado físico (1-muito desgastado); P: percutor (D-duro); S: suporte (siglas correspondentes à classificação das lascas suporte); ts: talão do suporte; C: comprimento definido em função do eixo maior de simetria da peça; l: largura máxima; e: espessura máxima; cg: corda do gume;

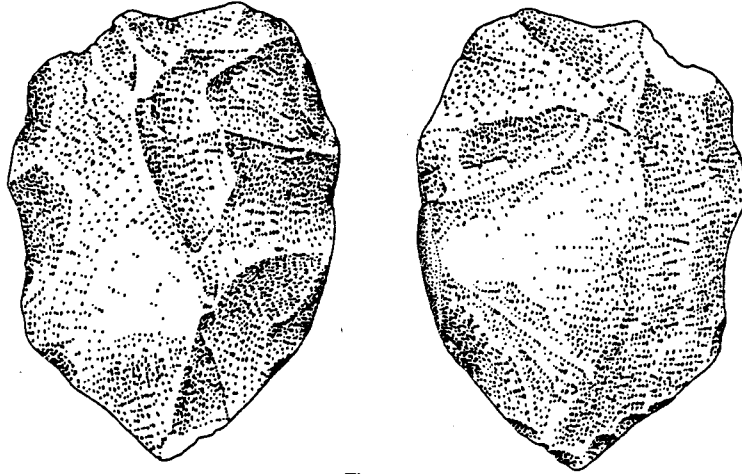


Fig. 7

Handwritten signature

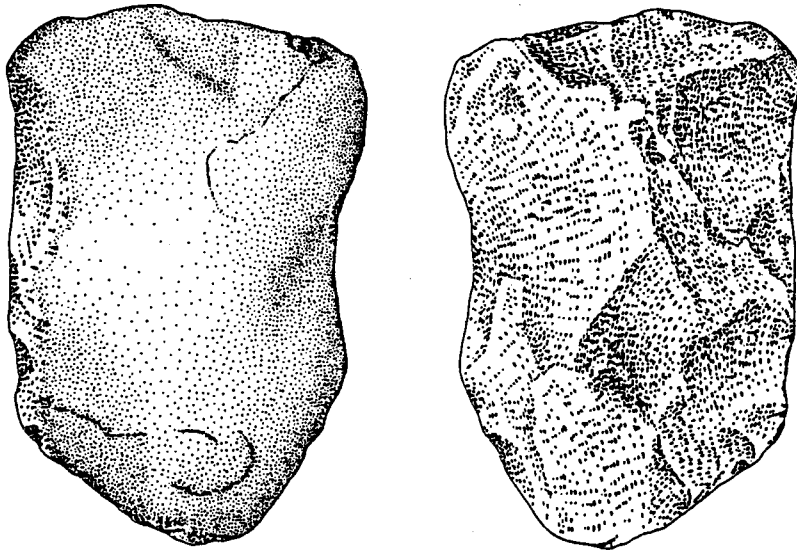


Fig. 8

Handwritten signature

sil: silhueta (V ou U), sec: secção (t-tabular; px-plano-convexo; bs-biconvexa simétrica; ba-biconvexa assimétrica); DP: direcção de percussão (Norte; NW-noroeste; Ne-nordeste; W-oeste; E-este: ?-indeterminável); FG: forma do gume (r-recto; x-convexo; c-côncavo; s-sinuoso:); PG: posição do gume (o-oblíquo; p-perpendicular ao eixo da peça); RUG: retoques de utilização do gume (d-directo; i-inverso; a-alterno; b-bifacial; D-discontínuo; C-contínuo); dFLe: forma dos lados/direito-esquerdo (r-recto; x-convexo; c-côncavo; s-sinuoso); Rbd: retoques do bordo direito (posicionamento: T-total; D-distal; M-mesial; P-proximal)/Disposição: 1-contínuo; 2-discontínuo; 3-único;/amplitude: M-marginal; I-invasor; D-dorso natural;/inclinação: a-abrupto; o-oblíquo; p-plano;/orientação: d-directo; i-inverso; a-alternante; b-bifacial:); Rbe: retoque do bordo esquerdo (siglas idênticas às da coluna anterior).

4.6. — UTENSÍLIOS DIVERSOS

Nos utensílios diversos integraram-se três objectos curiosamente elaborados a partir de suportes similares, todos eles muito afectados pelo boleamento, o que dificulta por vezes a sua caracterização. Genericamente, trata-se de calotes de seixos de quartzite seccionadas por superfícies de clivagem, que num ou mais bordos apresentam um retoque contínuo de extensão variável, pelo que é lícito considerá-los entre os artefactos nucleiformes.

4.7. — OUTROS

Refira-se ainda que 41 peças detectadas na escavação (22,5%) não se enquadravam em nenhuma das categorias anteriormente considerados.

No grupo dos fragmentos inserimos os objectos inequivocamente talhados, mas cuja fracturação, por motivos accidentais ou naturais, não permitiu estabelecer a sua associação a nenhum tipo de artefacto específico ou a qualquer produto de talhe. De referir porém, que dos 18 fragmentos identificados dois deles apresentam-se ligeiramente retocados e um outro revela uma morfologia claramente determinada por levantamentos sem organização aparente.

Como detritos foram considerados os objectos com matérias-primas idênticas às usadas na confecção das peças talhadas, evidenciando alterações morfológicas resultantes de fracturações ou estalamentos em número ou com uma amplitude que não podia ser imputada a factores de ordem natural, ou então revelando ténues e duvidosos vestígios de talhe, bem como superfícies hipoteticamente resultantes de lascamentos, sem que se possa pensar que correspondem a um trabalho intencional e organizado. Entre os 22 detritos identificados nesta estação arqueológica, observou-se em 3 casos a presença de retoques descontínuos e isolados, passíveis de serem atribuídos a factores de ordem natural.

5. — BREVES CONCLUSÕES

A análise da distribuição das peças no interior do depósito fluvial levou-nos a constatar a sua inequívoca associação à parte inferior do terraço, cuja textura grosseira observável na base deixa antever um processo de sedimentação particularmente potente (Fig. 3) com a projecção dos materiais no corte estratigráfico). A curiosa acumulação dos objectos talhados na própria base da cascalheira, junto do contacto com as argilas do Jurássico, permite aliás deduzir que a sua deposição terá ocorrido num momento em que o rio, deixando de ravinar o referido substrato, iniciou uma significativa fase de sedimentação do seu leito.

Por outro lado, a concentração de materiais na reduzida área escavada deixa supor que não devem ter sofrido uma grande deslocação, pelo que se torna lícito admitir que o primitivo local de ocupação se situaria nas imediações da actual jazida. O desgaste pronunciado dos objectos talhados poderia ter sido provocado pelo forte caudal que certamente acompanhou a fase inicial da génese do terraço.

Sendo por demais evidente a atribuição destes vestígios arqueológicos do homem paleolítico às indústrias acheulenses do paleolítico inferior, necessário se torna tentar estabelecer a sua comparação com os achados similares conhecidos na região.

Apesar de não possuímos elementos susceptíveis de fornecerem uma datação precisa, a profunda pedogénese observável no terraço da Quinta do Cónego, sugere a sua correlação com a base da formação fluvial Q2a, individualizada a jusante de Leiria. Aparentemente, esta hipótese é confirmada pela altitude da base do terraço da Quinta do Cónego - 25 m sobre o leito actual do rio Lis - também ela similar à observada para a formação Q2 no Areeiro da Quinta da Carvalha (Gândara dos Olivais).

Em termos arqueológicos, a análise técnica e tipológica dos materiais provenientes da escavação realizada na Quinta do Cónego permitem também corroborar esta associação. A total ausência de técnica levallois, juntamente com o claro predomínio das lascas de 1ª geração, que constituem 48% das lascas estudadas, aproxima inequivocamente esta indústria dos materiais análogos detectados nas jazidas da formação fluvial Q2a a norte de Leiria e, por outro lado, individualiza-a nitidamente dos materiais oriundos do colúvio posterior da Quinta do Cónego, onde, a par do recurso pontual à técnica levallois, se regista um número maioritário de lascas de 2ª geração (CUNHA-RIBEIRO 1987) ⁽⁵⁾.

A análise dos artefactos conduz aliás a conclusões similares. Os bifaces, por exemplo, revelam um predomínio das formas espessas e um elevado número de peças parciais, à semelhança do que ocorre nas jazidas do Q2a, enquanto na indústria proveniente do colúvio nos surgem tipos mais evoluídos e diversificados. Entre os "hachereaux", embora se registre uma representação bastante significativa em todas as indústrias mencionadas dos tipos tecnicamente mais simples (O e I), apenas na indústria acheulense mais recente da Quinta do Cónego aparecem alguns artefactos tipologicamente mais evoluídos.

Parece-nos portanto lícito considerar igualmente esta ocupação como um testemunho dos mais antigos habitantes que se conhecem na região, em paralelo com os vestígios por nós detectados nas diversas jazidas situadas a jusante de Leiria.

Os dados de que dispomos permitem-nos assim concluir que os vestígios arqueológicos existentes na Estação Paleolítica da Quinta do Cónego, situada no lugar das Pousias, testemunham a presença do homem paleolítico na região em dois momentos distintos, possivelmente bastante afastados no tempo.

Numa primeira fase, quando ainda no local da jazida passava o curso do rio Lis, o homem paleolítico ter-se-á instalado na proximidade dos achados, como se pode deduzir do facto de os materiais líticos se apresentarem acumulados e concentrados preferencialmente no antigo canal ocupado pelo rio. A sua fixação nas margens do curso de água estaria certamente relacionada com a abundância da matéria-prima de que necessitava para fabricar os seus artefactos.

Posteriormente, numa época que julgamos relativamente mais recente, de novo o homem paleolítico terá seleccionado aproximadamente o mesmo local para se instalar. Não escolheu porém as margens do rio Lis, que correria então bastante mais encaixado, embora ainda provavelmente longe do nível actual. Optou sim por uma pequena elevação sobranceira ao vale, donde lhe seria possível visualizar a região envolvente e, em particular, o vale adjacente.

BIBLIOGRAFIA

- BALOUT, L., BIBERSON, P. e TIXIER, J. (1967), L'Acheuléen de Ternifine (Algérie), gisement de l'Atlantrophe, *L'Anthropologie* 71 1967, 217-238.
- BORDES, François (1961), *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*. 1vol. + 1 atlas, Bordeaux 1961
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1987), *Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do rio Lis no seu contexto cronológico-estratigráfico*. Porto 1987 (policopiado).
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, MEIRELES, José e TIXIER, Jean-Pierre (1989), L'Acheuleen du Nord et du Centre du Portugal: bilan de nos connaissances actuelles, *L'Acheuleen dans l'Ouest de l'Europe*, Saint-Riquier 1989, 76-81.
- HELENO, Manuel (1956), Um quarto de século de investigação arqueológica, *AP Nova Série III* 1956, 221-237.
- MACHADO, João L. Saavedra (1964), Subsídios para a história do Museu Etnológico, *AP Nova Série V* 1964, 51-448.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1977), Departamento de Pré-história. Relatório em Dezembro de 1984. Reorganização das colecções, *AP III Série VI-VII* 1977, 7-13.
- SANTONJA, M. (1985), Los núcleos de lascas en las industrias paleolíticas de la meseta española, *Zephyrus XXXVII-XXXVIII* 1985, 17-33.

⁽⁵⁾ As lascas de 1ª geração agrupam os tipos 1A, 2A, 3A, 10A, 11A, 12A, 19A, 20A e 21A do sistema classificativo adoptado, representando pelas suas características técnicas e morfológicas as primeiras extracções de um núcleo. Os tipos intermédios — 4A, 5A, 6A, 13A, 14A, 15A, 22A, 23A e 24A, resultam da continuação da exploração dos núcleos. Os restantes tipos correspondem a uma 2ª geração de levantamentos, tendo-se realizado a sua extracção em zonas pelo menos já parcialmente descorticadas.

TAVOSO, André (1978), *Le Paléolithique inférieur et moyen du Haut-Languedoc. Gisement des terrasses alluviales du Tarn, du Dadou, de l'Agout, du Sar et du Fresquel*. (Études Quaternaires, Mémoire n° 5), Paris 1978.

TEIXEIRA, Carlos e ZBYSZEWSKI, Georges (1968), *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 23-C (Leiria)*. Lisboa 1968.

TIXIER, Jacques (1956), Le hachereau dans l'Acheuléen Nord-Africain. Notes typologiques, *Congrès Préhistorique de France*, XV Session, Poitiers-Angoulême 1956, 914-923.

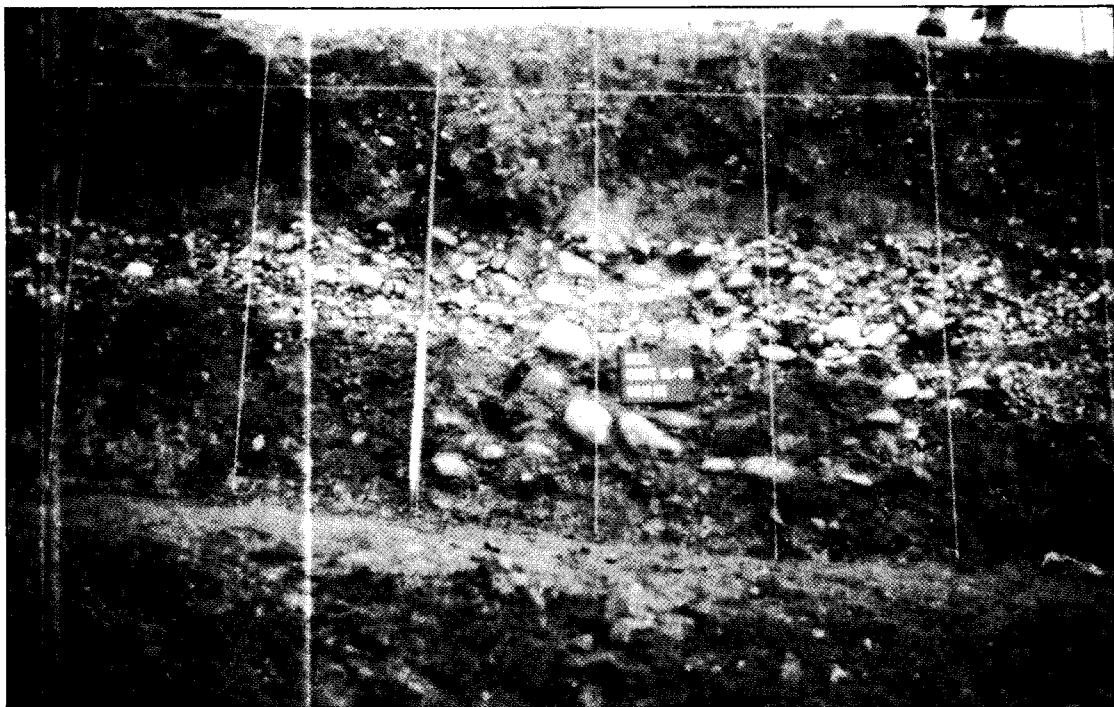
ZBYSZEWSKI, G. e PENALVA, C. (1982), Contribuição para o conhecimento do Paleolítico de Monte Real, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 68 fasc. 2 1982, 299-305.

ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1969), La station paléolithique da Quinta do Cónego (Côrtes, Leiria), *AP III Série III* 1969, 7-16.

ZBYSZEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O. da, PENALVA, C. e TEIXEIRA, A.J. Meneses (1980), Nova Contribuição para o Conhecimento do Paleolítico da Quinta do Cónego (Côrtes, Leiria), *RG XC* 1980, 181-189.

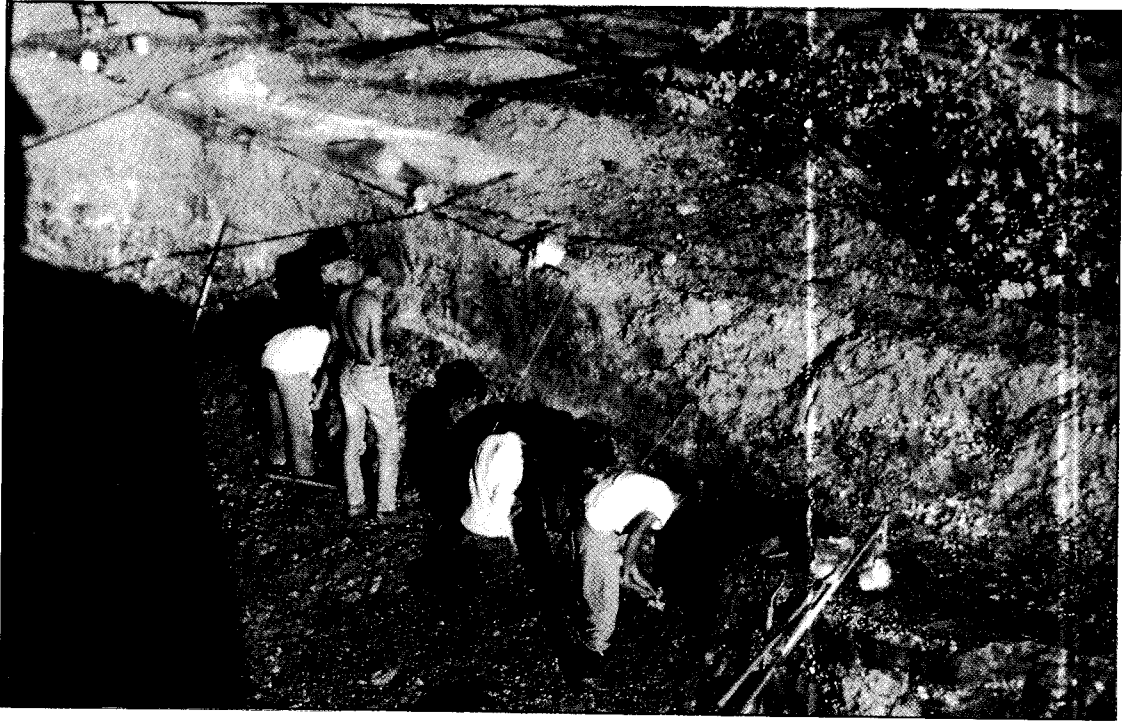


1 — Aspecto geral da zona intervencionada antes do início dos trabalhos de escavação.

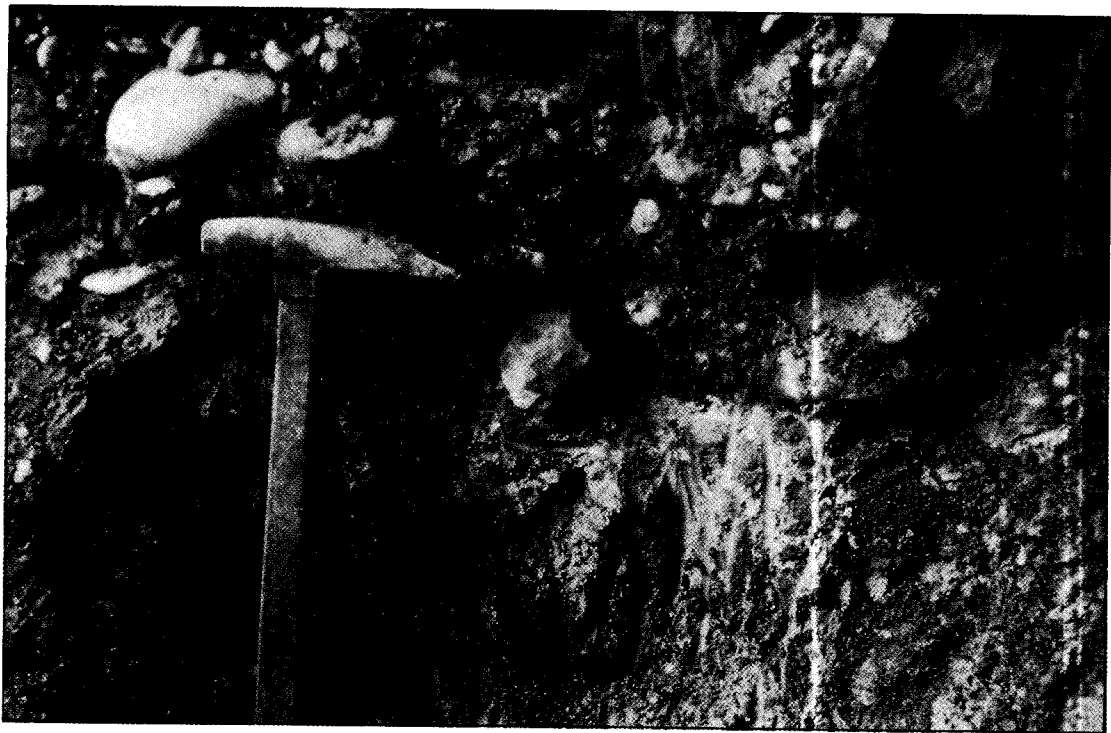


2 — Pormenor do corte estratigráfico após os trabalhos de limpeza que precederam a escavação.

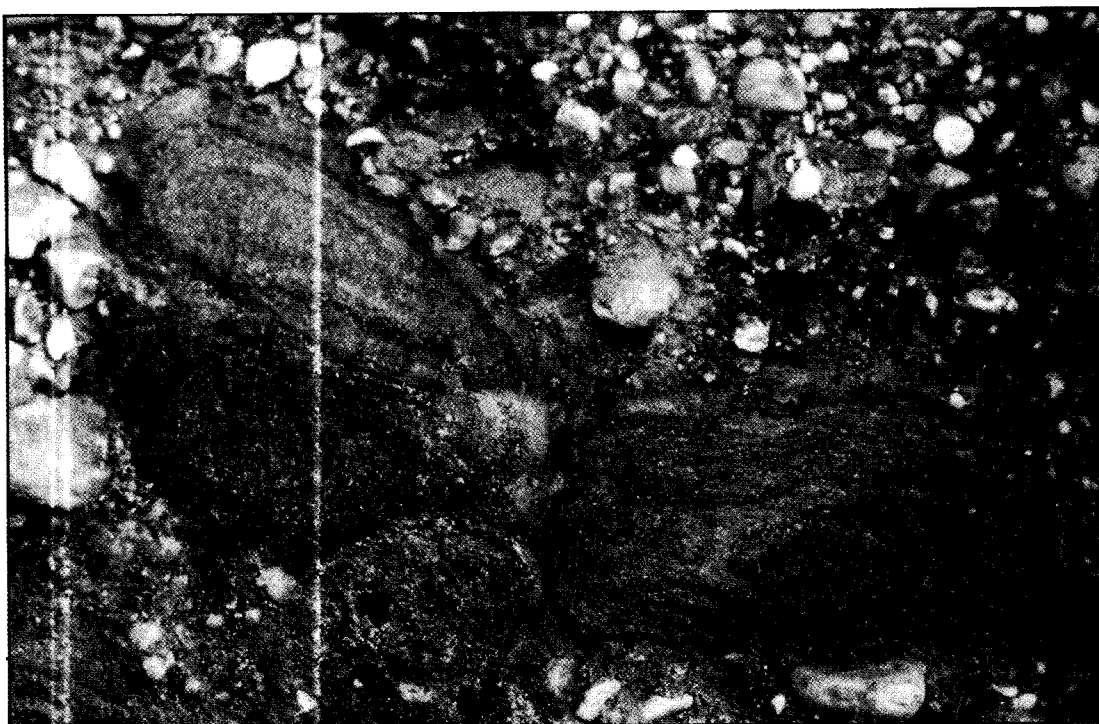
EST. 2



3 — Escavação das quadrículas A3, A4, A5 e A6.



4 — Biface detectado *in situ* na base do terraço.



5 — Pormenor da cascalheira de base da formação fluvial, vendo-se um claro agrupamento de seixos fantasmas.